

UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

**RELATÓRIO FINAL ESTÁGIO**  
**DO MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO**

**HUGO ALEXANDRE PESSOA DO ESPÍRITO SANTO**

COIMBRA, 2010

**Universidade Coimbra**  
**Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física**

**RELATÓRIO FINAL ESTÁGIO**  
DO MESTRADO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO  
- ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA -

Relatório Final de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física,  
para obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e  
Secundário.

Orientador: **Professor João Gandum**

Co-Orientador: **Professor Artur Romão**

**Hugo Alexandre Pessoa do Espírito Santo**

**Coimbra, 2010**

## **RESUMO**

Este relatório final, do estágio pedagógico, englobado no Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário tem como objectivo principal a apresentação do que foi abordado no estágio pedagógico, mediante os conhecimentos científicos adquiridos até aqui aprendidos. A aplicação destes conhecimentos levou a uma preparação especializada e intervenção profissional no ensino secundário, designadamente nas áreas do desenvolvimento curricular, da investigação educacional aplicada e da administração escolar.

## **Abstract**

This final report of teaching practice, encompassed in the Masters in Teaching Physical Education for Basic and Secondary Education has as its main objective the presentation of what was covered in training students through the scientific knowledge acquired so far learned. The application of such Knowledge has led to an intervention specialist preparation and professional secondary education, particularly in the areas of curriculum development, applied educational research and school administration.

## Índice

<b>Introdução</b> .....	5
<b>1. Descrição</b> .....	6
1.1 Expectativas em Relação ao Estágio Pedagógico .....	6
1.2 Objectivos de formação e formas de o atingir .....	7
<b>2. Descrição das actividades desenvolvidas</b> .....	9
2.1 Planeamento .....	9
2.1.1 Plano Anual .....	10
2.1.2 Caracterização da Escola .....	10
2.1.3 Caracterização da Turma .....	10
2.1.4 Blocos de Matérias/Unidades Didácticas .....	11
2.1.5 Planos Aula .....	11
2.2 Realização.....	12
2.2.1 Intervenção Pedagógica .....	12
2.3 Avaliação .....	15
2.4 Componente Ético-Profissional .....	16
<b>3. Justificação das Opções Tomadas</b> .....	18
<b>4. Conhecimentos adquiridos</b> .....	21
<b>5. Avaliação de processos e produtos</b> .....	23
<b>6. Reflexão</b> .....	26
6.1 Aprendizagens realizadas .....	26
6.2 Compromisso com as aprendizagens realizadas dos alunos .....	27
6.3 Importância do trabalho individual e de grupo .....	29
6.4 Capacidade de iniciativa e responsabilidade .....	31
6.5 Dificuldades sentidas e formas de resolução .....	32
6.6 Inovação das Práticas Pedagógicas .....	32
6.7 Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar .....	36
6.8 Questões dilemáticas .....	36
6.9 Conclusões Referentes à formação inicial .....	38
6.10 Necessidades de formação contínua .....	38
6.11 Experiência pessoal e profissional do ano de estágio .....	40
<b>Bibliografia</b> .....	43

## **Introdução**

O relatório do estágio pedagógico é uma parte integrante do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, articulando, quer a dimensão pedagógica, quer a vertente profissionalizante. O estágio no âmbito deste Mestrado, visa responder de forma eficaz, por um lado aos alunos que estão inseridos no regime de Bolonha, e que não tiveram a possibilidade de ter efectuado um estágio de cariz pré-profissional, bem como a alunos que mesmo já estando inseridos no mercado de trabalho, necessitam de actualizar e aperfeiçoar as suas competências no âmbito do Ensino da Educação Física.

Este estágio é um período de acompanhamento fundamental na aquisição de conhecimentos, experiência e de preparação para a vida profissional. Reveste-se de uma grande utilidade na preparação, corrigindo e adaptando a teoria assimilada e a realidade da prática da leccionação (Francisco, 2001).

Desta forma, o estágio é fundamental enquanto processo de transição do aluno para professor, conjugando diversos factores importantes, como a formação e desenvolvimento do futuro professor, entre os quais se salienta o contacto com a realidade de ensino, tendo como factor central a acção educativa do aluno estagiário e a mediação de todo este processo - supervisão/orientação do estágio.

Uma das grandes preocupações na formação de professores é a passagem do conhecimento académico ao conhecimento profissional. Este é um momento fundamental, que irá condicionar toda a sua futura prática profissional, pois visa toda uma experiência única de formação e acompanhamento.

## 1 – Descrição

### 1.1 Expectativas em Relação ao Estágio Pedagógico

As minhas expectativas em relação ao Estágio, visava o desenvolvimento de competências científicas relacionadas com a disciplina de Educação Física que viria a leccionar. Deste modo, teria como factor preponderante o meu desenvolvimento através de um conjunto de competências didácticas e profissionais que procuravam a minha preparação como Professor estagiário para uma instrução e valorização a todos os níveis na disciplina de Educação Física, sem qualquer constrangimento. Sabendo, eu porém, como Professor estagiário, que estaria envolvido em sistemas complexos, constituídos por uma grande diversidade de elementos ligados por interacções, mas que viriam a ter a sua importância na minha aposta da educação para a formação e bem-estar dos alunos, no aumento do seu rendimento e promoção de uma melhor adaptação no contexto escolar, desses mesmos alunos.

Sendo um período de elevada intensidade de aprendizagem e especificidade, o estágio curricular constituiu para mim o momento por excelência da formação prática do aluno, tendo um contacto directo com a realidade, e pressupondo a articulação constante entre a Faculdade Ciências do Desporto Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC), a escola, os alunos e a comunidade.

O Estágio pedagógico no meu ponto de vista elaborou-se sobre a possibilidade de aquisição de novos conhecimentos teóricos, práticos, de investigação e outros, numa constante articulação com os currículos actuais e com as experiências vividas.

Contudo, permitiu-me uma formação ao nível da investigação e reflexão, estimulando o desenvolvimento de uma *praxis* integradora com o ambiente escolar.

Segundo Lunge e Angulski (2006), o Estágio pedagógico estimula o desenvolvimento de responsabilidades e iniciativas ao nível da organização pessoal, e criatividade e acção em diversas situações, quando os mesmos se encontram nos campos de estágio.

Então, nesta perspectiva, a supervisão é também um factor importante, tendo como principais intervenientes: os **coordenadores** (que organizam e planificam os locais de estágio, estabelecendo os contactos institucionais, protocolando e formalizando os estágios;

informam e orientam os alunos durante o processo de planificação dos estágios; e coordenam o trabalho entre os vários supervisores, entre estes e os orientadores, sempre que seja necessário); o **supervisor** (da FCDEF-UC) (orienta a dimensão pedagógica dos estágios, (incluindo o relatório final); orienta a dimensão científica dos estágios; e mantêm um contacto regular com o orientador institucional no sentido de aferir e integrar a experiência de estágio num todo coerente); o **orientador** (da Instituição - Escola Secundária Infanta D. Maria), que (promove a integração e acompanhamento directo do estagiário na instituição ao nível do envolvimento nas diferentes actividades e equipas de trabalho; define conjuntamente com o supervisor o projecto de estágio; e participa nas reuniões de acompanhamento e avaliação); e o **estagiário** (planifica as suas actividades, desenvolve uma metodologia coerente e apropriada ao meio e aplica-a tentando ir ao encontro dos seus objectivos delineados para o ano lectivo) (Francisco, 2001).

## **1.2 Objectivos de formação e formas de o atingir**

Os objectivos gerais a que me propus no início do ano lectivo para este estágio pedagógico, foi proporcionar ao futuro professor a complementação dos estudos realizados na fase curricular do mestrado, permitindo o desenvolvimento de actividades sociais e profissionais que possibilitassem o aperfeiçoamento dos seus conhecimentos teóricos e práticos, em conformidade com os currículos e programas vigentes.

Tendo, este estágio pedagógico um cariz profissionalizante, torna-se fundamental que proporcione ao mestrando uma formação que vise:

1. Actividades compatíveis com o contexto básico da profissão a que o mestrado se refere;
2. Actividades que ocorram numa sequência de princípios de dificuldade e complexidade crescente, de acordo com a progressão curricular;
3. Aplicar a prática dos conhecimentos teóricos, permitindo maior assimilação dos conteúdos escolares;
4. Contactar e interagir com o meio profissional, atenuando a passagem da vida estudantil para o mercado de trabalho;
5. Conhecer a filosofia, directrizes, organização e funcionamento das instituições;
6. Permitir a aquisição de conhecimentos que respondam às actuais solicitações sociais conferindo capacidade no reconhecimento e conquista de novas e potenciais dimensões do saber, compreender e fazer;

7. Proporcionar a análise e compreensão da realidade social, quer ao nível dos problemas sociais existentes (sejam de carácter individual, familiar, grupal ou comunitário), quer dos contextos institucionais;
8. Assegurar a aprendizagem das diferentes actividades físicas;
9. Promover o gosto pela prática regular da actividade física;
10. Fomentar a promoção de hábitos, atitudes e valores;
11. Analisar e interpretar a realização das actividades físicas, aplicando os conhecimentos de técnica, organização e participação.

Deste modo, e analisando todos estes objectivos gerais, podemos retirar do seu conteúdo, mais pormenorizadamente, ao que se refere o seu contexto, referindo os Objectivos Específicos para este estágio pedagógico:

1. Desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno;
2. Apropriação das habilidades técnicas e conhecimento delas nas diferentes áreas;
3. Formação de atitudes e valores;
4. Desenvolvimento cognitivo, sócio-afectivo e psicomotor dos alunos;
5. Aprendizagem e aperfeiçoamento de cada habilidade motora;
6. Alcançar os objectivos de cada Unidade Curricular;
7. Manter um bom relacionamento Professor/Aluno/Escola/Família.

No meu ponto de vista, a forma mais simplificada de atingir estes objectivos passou essencialmente por duas fases:

- **A fase de integração:** em que num primeiro momento o estágio curricular visou essencialmente o primeiro contacto com a realidade institucional/mercado de trabalho, estruturação desse mesmo contacto e da identidade profissional. Pretendeu-se, sobretudo, que o estagiário pudesse conhecer e caracterizar a instituição, conhecer as tarefas e funções específicas do Professor de Educação Física, bem como constatar, de modo concreto, quais os conhecimentos e competências requeridas para o exercício dessas mesmas funções. Algumas actividades previstas durante esta fase passam pela apresentação aos alunos e a outros professores da instituição, com vista à apresentação e inserção do estagiário na equipa escolar. A instituição que acolhe os estagiários deve, essencialmente, permitir que os mesmos possam dar conta da realidade institucional, integrando-os das suas vicissitudes e particularidades.



Neste período, o estagiário deverá elaborar um projecto de estágio onde constem as actividades, planos de aulas, projectos, e outros, em que irá participar, no sentido de conjugar os interesses formativos dos alunos com os interesses institucionais.

- **A fase de implementação de actividades:** num segundo momento após a minha integração na instituição, esta deverá constituir-se num espaço que permita a edificação de uma formação que dote o estagiário de competências de observação e intervenção. Pretende-se que os estagiários sejam efectivamente capazes de dar respostas concretas a diversas situações/problemas, colocando-se numa postura prática e interventiva (ainda que solidamente baseada em conhecimentos teóricos).

## **2. Descrição das actividades desenvolvidas**

As actividades desenvolvidas no estágio pedagógico foram de encontro às competências necessárias para que eu tivesse uma adequada condução do processo de ensino – aprendizagem. Para que este processo se desenrolasse da melhor forma, foi necessário dividi-lo em três pontos fundamentais: planeamento, realização e avaliação.

### **2.1 Planeamento**

O planeamento foi um dos pontos mais exigentes de todo o meu estágio, visto que toda a minha planificação foi sempre de forma pensada no desenvolvimento das acções pedagógicas para o 9º D, para que todo o processo de formação de capacidades e habilidades fossem adquiridos, bem como a aquisição de conhecimentos e de desenvolvimento da personalidade de cada aluno.

Tive então que delinear um **Plano Anual**, que ao longo do ano, levou algumas alterações, pois, todo este processo é flexível, sem nunca ficar estanque. Foi a partir dele que defini e estipulei os momentos de intervenção pedagógica mais importantes, as actividades a desenvolver e quais os objectivos a que me propunha para este ano lectivo. Foi necessário um conjunto de instrumentos fundamentados nos conhecimentos científicos, tendo sido adaptados à realidade do meio, da Escola e dos alunos.

É fundamental a preparação do ensino, partindo da disciplina de Educação Física para o objectivo geral da educação, para que haja uma coerência entre as **Unidades Didácticas** e/ou **Unidades Temáticas** e, por fim, os **Planos de Aulas**.

### **2.1.1 Plano Anual**

Na elaboração do Plano Anual, tive em consideração os Programas Nacionais de Educação Física (PNEF) e as decisões metodológicas e conceptuais tomadas pelo grupo de Educação Física. Tendo como base fundamental destes dados, elaborei o planeamento para a turma do 9ºD, procurando distribuir as matérias de acordo com o mapa de espaços que me foi delineado e procurando garantir um tempo de exercitação adequado para cada uma deles.

Tive em consideração outros factores, que penso serem importantes na delimitação do Plano Anual, como: Objectivos gerais; Objectivos específicos; Caracterização da escola (física, social, localização geográfica, etc.); Espaços e equipamentos desportivos; Calendário do ano lectivo e horário escolar; Competências esperadas; Caracterização da Turma; Métodos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa); Estratégias de ensino, focalizando os principais aspectos da pedagogia; Actividades propostas no âmbito da disciplina de Educação Física.

### **2.1.2 Caracterização da Escola**

Através da caracterização da Escola, procurei conhecer o meio com o qual iria estar envolvido durante o ano lectivo. Foi-me facultado pela Srª Directora Rosário da escola Infanta D. Maria, o Regulamento Interno da mesma, bem como o seu Projecto Educativo, de forma a conhecer a estrutura e normas de funcionamento escolar.

### **2.1.3 Caracterização da Turma**

A caracterização da turma é um ponto muito importante para o conhecimento da realidade dos alunos com quem iremos trabalhar todo o ano.

Para o presente ano lectivo, elaborei e apliquei um questionário à minha turma, onde consegui obter determinadas informações sobre os meus alunos, o seu agregado familiar, o seu passado escolar, as suas preferências e gostos em relação à prática da Actividade Física, os seus hábitos e outras informações adicionais.

Através da aplicação de todos estas informações fundamentais, na medida em que importa perceber que o êxito das aprendizagens depende fortemente da forma como o ensino é conduzido, sendo fundamental que o professor detenha o máximo de conhecimentos sobre os seus alunos, o contexto em que estes se inserem e as condições que lhes são proporcionadas, de forma a poder intervir de uma forma o mais possível consciente, justa, adequada e individualizada.

#### **2.1.4 Blocos de Matérias/Unidades Didácticas**

Realizei um documento que continha a extensão e sequência de conteúdos por matéria, e respectiva estruturação por aula, de forma a assegurar a eficiência do processo ensino – aprendizagem. É de extrema importância e muito enriquecedor, a distribuição e sequência lógica dos vários elementos/gestos técnicos da cada uma das modalidades por aula, para uma melhor aprendizagem e consolidação das matérias ao longo do ano.

À medida que efectuei as Avaliações Diagnósticas de cada matéria, elaborei um relatório que continha, o nível dos alunos, os objectivos a alcançar no final da Unidade Didáctica, e quais as estratégias que iria utilizar para alcançar esses mesmos objectivos.

A planificação das Unidades Didácticas que delinee para a minha turma, foi de encontro aos níveis de cada aluno, para que houvesse um aumento dos conhecimentos técnicos e tácticos de cada modalidade em causa, e um bom funcionamento das aulas. No final da leccionação de cada Unidade Didáctica, fiz um balanço final, das Matérias abordadas, tentando perceber o que teria corrido bem e o que correu menos bem, para aperfeiçoar nas próximas Unidades.

#### **2.1.5 Planos Aula**

A elaboração dos planos de aula, na minha opinião, foi o que mais contribuiu para o sucesso do processo de ensino – aprendizagem, porque era elaborado com a ajuda do Orientador da Escola D. Maria, o Professor João Gandum, que tinha um conhecimento dos alunos dos anos anteriores muito pormenorizado. Assim o professor João Gandum aconselhava-me a planificar determinadas tarefas indo ao encontro de cada aluno da turma.

Quanto à estruturação do plano de aula, procurei guiar-me pelo Guia de Estágio 2009/2010, cumprindo todos os pontos essenciais mencionados.

Todos os planos de aula foram devidamente elaborados em concordância com as respectivas Unidades Didáticas, e com o parecer do Professor Orientador João Gandum. No final de cada aula, realizei um relatório crítico da aula, em consonância com o Professor João Gandum que servia para avaliar a forma como tinha decorrido a aula e avaliar todas as minhas intervenções pedagógicas efectuadas.

Também ficava delineado nesse relatório crítico, tudo o que deveria melhorar para a aula seguinte.

## **2.2 Realização**

### **2.2.1 Intervenção Pedagógica**

A intervenção pedagógica é um dos pontos mais importantes no desempenho enquanto professor. Tendo eu já alguns anos de leccionação no 2º ciclo num Colégio Privado, consegui intervir já com alguma facilidade e à vontade no contexto pedagógico da minha turma, o que me facilitou em alguns momentos. Também reconheci que apesar destes anos de experiência, houve situações das quais tive algumas dificuldades para resolver.

Em conjunto com os meus colegas estagiários, elaborámos uma grelha de observação estagiário – estagiário, tendo como objectivo a análise das várias aulas observadas. Estas grelhas foram fundamentais para a realização dos relatórios críticos das aulas e na tomada de consciência dos aspectos e melhorar por parte de cada um de nós.

Um professor, por muito bom que seja, tem sempre lacunas e só consegue melhorar tendo alguém a observá-lo e a criticá-lo. Para mim e para os meus colegas estagiários, a elaboração desta grelha, trouxe um importante contributo para a melhoria das nossas aulas e um factor determinante do nosso sucesso.

As primeiras aulas constituíram, na minha opinião, uma etapa decisiva, para conhecer os alunos e para ajustar o meu comportamento em função destes e dos objectivos que pretendia alcançar. Sinto que progredi significativamente na intervenção pedagógica, apesar de já ter alguns anos de leccionação, cumprindo a maioria dos objectivos do estágio pedagógico ao qual me propus.

Vou dividir a minha intervenção pedagógica, em várias alíneas, das quais eu penso serem aquelas que qualquer Professor foca mais a sua intervenção:

**a) Instrução** – todas as minhas instruções, sejam elas no início, a meio ou no final de cada aula, são feitas de forma rápida sem perda de tempo, procurando ser o mais sucinto e claro possível de forma rápida, pois o tempo útil de aula já é infelizmente escasso. Fui tendo mais preocupação na planificação dos critérios de êxito, objectivos e componentes críticas essenciais de cada exercício para que transmitisse aos alunos de forma clara.

De uma forma geral, consegui transmitir a informação utilizando uma linguagem simples e adequada aos alunos e sempre de forma audível.

**b) Condução da Aula** - Este foi o ponto que, inicialmente, mostrava mais à vontade. Tive sempre bastante preocupação na circulação e colocação no espaço que, de forma geral, foram frequentemente correctas. No entanto, preocupei-me sempre em melhorar a cada aula, através das sugestões do orientador e da análise crítica dos meus colegas. Procurei sempre estar atento aos problemas dos alunos durante a aula, utilizando meios auxiliares de instrução em algumas aulas, para que houvesse uma rápida assimilação dos gestos técnicos sem erros.

**c) Feedback** - Relativamente à frequência e pertinência dos feedbacks fornecidos aos alunos, estes foram melhorando ao longo das minhas aulas. No início transmitia demasiados feedbacks, por vezes desnecessários, outros por pensar que seria o momento oportuno para o fazer. No entanto, tanto a frequência, como a pertinência foram melhorando ao longo das aulas, muito por mérito do meu orientador e colegas de estágio. Depois de atingir um nível moderado de feedbacks que permitisse o desenvolvimento dos alunos, tive especial atenção em verificar se tinham o efeito pretendido, fechando, dessa forma, o ciclo de feedbacks.

**d) Organização** - Na minha opinião, este foi um dos meus pontos fortes ao longo da aula. Todas as aulas, e por sugestão do Orientador João Gandum, planeava a aula mentalmente, antes da sua leccionação. Toda a organização era planeada minuciosamente, de forma otimizar o tempo de aula, bem como a deslocação dos alunos durante as instruções e a elaboração dos grupos predefinidos para cada tarefa.

**e) Controlo** - O Professor João Gandum, transmitiu-me o comportamento da turma, que era excepcional, sem qualquer problema disciplinar por parte dos alunos o que traria um bom funcionamento da aula.

No início do ano lectivo, mostrei que estava presente e atento a todas as situações menos próprias para a aula, procurando um controlo da turma à distância,

para que os alunos sentissem a minha presença na aula. Ao longo do ano, fui corrigindo pontualmente alguns comportamentos menos adequados, mas tendo sempre o controlo da turma.

Como sendo uma pessoa alegre e divertida, sempre bem-disposta, com um sorriso, mesmo nos dias de grande cansaço foi-me mais fácil o diálogo com os alunos e a transmissão de entusiasmo, conseguindo descer à realidade dos alunos. Assim, o clima da aula foi de certa forma muito entusiasmante e agradável.

**f) Gestão do tempo** - No início do Estágio tive algum receio neste ponto, por não conhecer os métodos adoptados na escola, quanto ao tempo útil de aula e consequente entrada e saída dos alunos mais cedo para o banho. Penso que nunca houve uma grande disparidade da minha parte segundo o planeado. Em todas as aulas houve um bom empenhamento motor por parte dos alunos, e à medida que o ano avançava, aumentava o potencial de aprendizagem, também por ter melhorado os feedbacks e ciclos de feedbacks.

**g) Clima/Disciplina** - Tal como referi anteriormente, não tive dificuldade em manter um clima de aula agradável. Ocasionalmente, existiram alguns comportamentos menos próprios de alguns alunos, que logo de imediato resolvia, com uma repreensão oral. Sem dúvida que os conselhos do Orientador João Gandum foram determinantes neste campo, para um melhor clima na aula. Aprendi a ignorar alguns comportamentos desviantes.

As aulas decorriam de forma agradável, procurando sempre o diálogo com os alunos, tentando perceber as suas maiores dificuldades.

**h) Decisões de Ajustamento** - Por mais que sejam planeados exercícios ou situações de aprendizagem, o professor que não os souber reajustar em função de cada aluno não está a cumprir uma das suas tarefas essenciais como pedagogo. Apesar de ter tomado algumas decisões de ajustamento ao longo das aulas e, na minha opinião de forma correcta, creio que poderei ainda melhorar, sendo ainda mais específico para cada situação e, principalmente, ajustando algumas situação de forma individual.

### 2.3 Avaliação

Na minha opinião, concluo o Estágio com uma boa formação em relação aos três tipos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) e sinto-me preparado para os aplicar num futuro próximo com o máximo de responsabilidade e rigor. Considero que a avaliação tem uma importância extrema em cada Unidade e/ou Matéria leccionada pois, é um instrumento preponderante que reflecte o trabalho desenvolvido e empenho dos alunos ao longo de cada Unidade e/ou Matéria e/ou Período. É necessário ter todos os parâmetros bem definidos e delineados para cada aluno. A **Avaliação Diagnóstica** feita na minha turma foi realizada com a ajuda dos meus colegas estagiários para que durasse apenas uma aula.

A avaliação Diagnóstica, conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa (Despacho Normativo 1/2005). A avaliação diagnóstica, pretende identificar ou explorar algumas características do aluno. Para além disso, permite, por um lado, verificar se a planificação está, ou não, adequada à situação dos alunos a que se destina, e por outro, orientar o professor nos possíveis ajustamentos a introduzir na planificação (Ribeiro, 1999).

O processo de **Avaliação Formativa** constitui o desenvolvimento de todo o processo de ensino – aprendizagem permanente em todas as aulas.

Segundo Ribeiro (1999) a avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno durante uma unidade de ensino, no sentido de identificar obstáculos e de lhes dar solução.

Para Cardinet (1993), “a avaliação formativa é uma modalidade que tem por finalidade orientar o aluno no seu trabalho escolar, procurando identificar e situar as suas dificuldades com a intenção de o ajudar e descobrir modos de progredir na aprendizagem”. Deste modo, tive em conta esta componente avaliativa em todas as aulas, sendo registada em todas as Unidades Didácticas. Esta avaliação foi bastante útil, na medida em que aquando da realização das avaliações sumativas, já tinha uma ideia do nível de cada aluno. Devido à continuidade da avaliação, o processo de **Avaliação Sumativa** ficou bastante facilitada, já que serviu apenas para dissipar dúvidas decorrentes do processo de avaliação formativa.

Segundo Pacheco (1995), a avaliação sumativa está ligada à medição e a classificação do grau de consecução do aluno no final de um processo (trimestre, semestre, ano) tendo a finalidade de certificar mediante a determinação de níveis de rendimento. Esta avaliação era realizada na última semana de cada Unidade Didáctica.

A grelha utilizada nesta avaliação era igual à da avaliação formativa, tendo aqui também a ajuda dos meus colegas estagiários na recolha dos dados da turma.

Nas últimas aulas de cada período realizei a auto-avaliação, com o registo feito numa grelha já estabelecida pela Escola D. Maria, tendo ouvido também alguns feedbacks por parte dos alunos relativamente às suas classificações.

## **2.4 Componente Ético-Profissional**

O Professor de Educação Física, tem por detrás de si uma formação pedagógica, onde teve que adquirir várias componentes ao nível da pedagogia, passando pela ético-profissional, psicologia, etc, para que ao entrar no mundo do trabalho, estivesse preparado e responsável de todas as atitudes tomadas no modelo ensino.

O que se espera de um licenciado no término da sua graduação em Educação Física, é que o mesmo esteja apto e suficientemente consciente da responsabilidade profissional que a docência hoje em dia exige. Nas aulas de Educação Física, o professor, no início de carreira, deve planificar e ter inúmeros conhecimentos teóricos e práticos, inerentes à sua área. No entanto, mesmo sendo um especialista na área de Educação Física na escola, é imprescindível que se observe outras dimensões humanas entre outras, os aspectos cognitivos e psicológicos. Então, para que as aulas tenham a adequação e o sucesso esperado, parece ser importante que se estude além do aspecto motor, conteúdos como a relação interpessoal, a liderança e a comunicação por exemplo (Arantes, 1997).

No meu ponto de vista, a relação ético-profissional que se adquire no Ensino Superior, é muito escassa e vaga. Tanto eu como os meus colegas estagiários, após a licenciatura, adquirimos algumas dimensões humanas somente quando entrámos no mundo do trabalho. Estas dimensões, como a relação com os alunos, a forma de liderar a aula, entre outras, são adquiridas com a experiência e leccionação no meio escolar.



Tendo eu, já alguns anos de ensino numa escola, consegui transmitir aos meus alunos, determinados saberes e qualidades técnicas, que adquiri no mundo do trabalho, com plena consciência de no futuro poder ainda mais obter mais informação de determinadas áreas, para podê-las transmitir aos meus alunos.

Desde a formação, que o futuro professor tem na predisposição para a competência das relações interpessoais, isto é, não basta levar em conta apenas o saber teórico e desenvolver as habilidades “práticas”. É preciso também querer, “correr riscos” e estabelecer diálogos afectivos. É necessário ter a percepção e crítica pertinente; o “saber que sabe” de forma reflexiva (Massa, 2002).

Para que a componente ético-profissional, tenha ainda mais valor na escola, é necessário responsabilizar o Professor para tal, ou seja, tanto eu como os meus colegas estagiários, no final deste Mestrado, temos que estar aptos e ter uma grande responsabilidade para transmitir os nossos conhecimentos a futuros alunos que iremos encontrar, para um melhor ensino e desempenho motor, psíquico e social desses alunos.

Penso que adquiri alguns aspectos ético-profissionais, com a ajuda do Professor Orientador João Gandum, que me facilitaram na leccionação, planificação e avaliação dos meus alunos, durante este estágio.

Segundo Lima (2006, p. 11), “A filosofia da Educação Física também reforça a dimensão ética, discute os seus valores, significados, e leva à busca de um desempenho profissional competente, indicando a necessidade de um saber ou um saber fazer, que torne o ideal dessa profissão em prestar sempre o melhor serviço a um número cada vez maior de pessoas, destacando não só a dimensão técnica mas, também a dimensão política, como é desejável”.

A intervenção profissional de um professor está directamente ligada com o seu conhecimento pessoal e as suas características como pedagogo, para fornecer aos seus alunos descobertas, experiências, valores, normas, maneiras de pensar diferentes do quotidiano. E deve articular os conhecimentos teóricos à prática profissional, tendo em conta as suas experiências profissionais e pessoais

Julgo ter conseguido transmitir aos meus alunos, uma participação útil na aula e responsável em determinadas tarefas, definindo estratégias e fornecendo feedbacks constantes e apropriados.

Para concluir, o Professor deve ter conhecimento suficiente para trabalhar tanto os aspectos físicos e motores, como também os componentes sociais, culturais, cognitivos e psicológicos (Galvão, 2002).

### **3. Justificação das opções tomadas**

No início do ano lectivo, quando me deparei com o 9º D, tive uma preciosa ajuda do Professor Orientador João Gandum, do qual tinha sido professor desta mesma turma nos dois anos transactos. Por conseguinte, tudo o que planeei, realizei e avaliei, foi de uma forma pensada e estruturada com a ajuda deste. Em conjunto com o Professor, fizemos uma análise das matérias abordadas nos dois anos transactos, e concluímos que a via a tomar este ano lectivo seria a consolidação das matérias aprendidas no 7º e 8º ano, uma vez que estávamos no final do Ciclo e era fundamental fazer aqui uma ponte para o Secundário, consolidando as matérias, de forma a entrarem num novo Ciclo bem preparados técnica, táctica, psíquica, sócio e fisicamente.

Deste modo, vou fazer a minha justificação, em consonância com as actividades desenvolvidas no ponto 2.

Relativamente ao **Planeamento**, tive em consideração as fases fundamentais no seu processo, a concepção, a orientação/execução e o controlo.

Antes de qualquer planeamento é importante ter em conta as características gerais do programa, o contexto onde se insere, a carga horária, as estratégias a adoptar, a sequencialização dos conteúdos e a gestão dos recursos materiais, temporais e humanos (Bento, 1987).

Foi fundamental a elaboração de questionários para um estudo aprofundado da minha turma, tendo assim os elementos chave para o desenvolvimento pessoal e social de cada um dos meus alunos, tanto ao nível da condição física e motora, como a nível pessoal e escolar. A elaboração destes questionários foi feita propositadamente para a disciplina de Educação Física, recolhendo dados relativamente à prática sistemática de actividade física, aos hábitos desportivos, alimentares e de higiene e saúde para um melhor planeamento das actividades e matérias a desenvolver e em que alturas o fazer, mantendo durante o ano um nível de satisfação e prazer da actividade física.

Falando ainda do planeamento, as Matérias/Unidades Didácticas realizadas por mim, para a turma do 9º D, foram feitas por Actividades, pois segundo Januário (1984), facilita a estruturação dos conteúdos e tarefas, facilita a organização das Unidades Didácticas face à especificidade das instalações e materiais didácticos e faz a ligação mais fácil entre a parte curricular e extra-curricular.

Deste modo, tive que ter em consideração vários aspectos relativos ao espaço físico, à escola, ao material disponível e às Matérias abordadas nos anos anteriores. Em primeiro lugar, o espaço físico foi o factor que me condicionou mais na escolha das Unidades Didácticas, distribuídas pelos três períodos. A primeira opção foi pela Ginástica de solo e aparelhos realizada no 1º período, visto ter o espaço do Pavilhão da Escola D. Maria apenas neste período. A 2ª opção foi a Natação, que só poderia ser leccionada no 3º período, mediante a rotação dos espaços pelos professores.

As restantes Matérias poderiam ser abordadas no Pavilhão da União de Coimbra ou no Pavilhão Multiusos. Tanto o material disponível na Escola D. Maria, como as matérias leccionadas nos anos anteriores, também condicionaram a minha escolha, como referi anteriormente, da importância da consolidação de todos os conteúdos abordados até aqui.

Os planos de aula foram elaborados mediante os conteúdos do programa, o nível em que se encontrava a turma em cada uma das Unidades Didácticas abordadas e os objectivos a alcançar em cada aula.

O planeamento de ensino é processual, ou seja, são todas as decisões e acções do professor na interacção com o contexto da comunidade escolar. Portanto desta forma, pode ser uma programação realizada pelo professor, constantemente avaliado como processo, e não somente em reuniões e períodos previamente estabelecidos para tal.

Quanto à **Realização**, a minha intervenção pedagógica baseou-se nas dimensões de Siedentop (1983), dimensão instrução, gestão, clima e disciplina. Estas quatro dimensões são a base da pirâmide para uma leccionação coerente, eficaz e consciente.

Na dimensão **instrução**, procurei garantir sempre a atenção e concentração dos meus alunos durante os episódios de informação, a participação deles nos períodos de questionamento sobre as actividades, conseguir que entendam as várias fases da aula, que não fiquem com dúvidas sobre as actividades a realizar durante a aula fazendo a ligação das matérias abordadas na aula anterior com a aula seguinte.

Questionei os alunos de forma clara com o vocabulário adequado, dando tempo de resposta a cada um deles, dirigindo sempre a pergunta para a turma. Toda esta minha intervenção foi na maioria das vezes rápida sem consumir tempo útil de aula, garantindo a qualidade e pertinência da informação, para que houvesse maior tempo de exercitação. Ainda nesta dimensão, o feedback pedagógico teve um papel preponderante na aprendizagem dos meus alunos. Tentei diversificar ao máximo o Feedback pedagógico, para corrigir e não julgar, sem abusar de expressões avaliativas centrando o Feedback sobre a causa do erro.

A dimensão **gestão**, por mim praticada nas aulas de Educação Física, foi de forma a elevar o tempo de empenhamento motor dos alunos nas tarefas, fazendo um controlo adequado do comportamento dos alunos para que não interferissem no meu trabalho, controlando o tempo de aula, dos espaços dos materiais e dos próprios alunos.

Nesta dimensão a minha maior preocupação era ganhar tempo nos deslocamentos ou transições dos alunos, garantir a máxima segurança na colocação dos materiais e facilitar uma boa visibilidade para os alunos.

Na dimensão **Clima**, demonstrei sempre entusiasmo para melhorar a interação e as relações humanas, tentei incorporar os pontos de vista dos alunos, sendo sensível e consciente da comunicação não verbal. O relacionamento com os alunos foi excepcional, para criar um bom clima, e a relação entre aluno - matéria sempre a mais positiva possível.

Por último, a dimensão **Disciplina**, que diz respeito à diferenciação entre comportamentos apropriados e não apropriados, foi um processo do qual não tive qualquer problema, pois não existiu comportamentos menos próprios. Aqui garanti que os alunos respeitassem as regras estabelecidas, responsabilizando-os nas tarefas impostas por mim garantindo um clima positivo no controlo da aula.

Por último, as minhas opções tomadas quanto à **Avaliação** foram elaboradas segundo Bloom, Hastings, e Madaus, (1971), que enquadra a avaliação em três grandes tipos: Avaliação Diagnóstica, Formativa e Sumativa.

A minha proposta para as **Avaliações Diagnósticas** foi realizada no intuito de averiguar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão sendo propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas. Esta avaliação teve uma função essencial de verificação, se os meus alunos tinham posse de certas aprendizagens de anos anteriores que me serviriam de base à unidade que iria ter início.

Apliquei-a, pois esta avaliação traz grandes benefícios para mim, porque permite, antes de dar início a uma unidade, a acções de recuperação do que não foi aprendido anteriormente, permite também agrupar os alunos de acordo com a proficiência demonstrada nos resultados e identifica durante a unidade, causas de insucesso de alguns alunos.

Já na **Avaliação Formativa**, estou de acordo com Rodrigues e Peralta (2008), a avaliação deve ser um processo contínuo, e não a mensuração em um momento distinto. A avaliação formativa deve ser desenvolvida de forma contínua e é importante para o professor, na medida em que lhe fornece parâmetros para observar se os seus objectivos, conteúdos e metodologia de ensino estão a ser adequados para os alunos em causa. Eu concordo com o facto de este autor realçar a importância da avaliação contínua, que quanto a mim tem a sua importância no factor de objectividade da avaliação, não me fazendo cair no erro de avaliar um aluno apenas por um salto efectuado, ou uma prestação efectuada.

Na **Avaliação Sumativa** pretendi ajuizar o progresso realizado pelos alunos no final de cada unidade de aprendizagem, no sentido de aferir os resultados já recolhidos pelas avaliações formativas e obter informações que me permitissem aperfeiçoar o processo de ensino. Aqui os objectivos de ciclo constituem as principais referências no processo de avaliação dos alunos. Considero que o reconhecimento do sucesso de cada aluno é representado pelo domínio/demonstração de um conjunto de competências que decorreram dos objectivos gerais que delinee para este ano lectivo. Este processo de avaliação deve contribuir para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem e apoiar o aluno na procura e alcance do sucesso na educação física.

Esta avaliação foi elaborada em conjunto com o Professor João Gandum, para que houvesse maior rigor na atribuição das notas finais.

#### **4. Conhecimentos adquiridos**

Se o conhecimento é o pressuposto para o professor decidir livremente (Shulman, 1986), terá de ser uma preocupação na formação dos professores não só a quantidade do conhecimento fornecido, mas e fundamentalmente a sua qualidade, isto é, a sua relevância, pertinência, actualidade e realidade, bem como a forma como é estimulada a sua apropriação.

O Estágio Pedagógico teve como um dos grandes objectivos a habilitação para a docência no ensino da Educação Física, em que a relação professor - aluno tem de ser óptima, onde o professor terá que ter um conhecimento multidisciplinar desde a caracterização das fases de crescimento e o desenvolvimento do aluno até aos procedimentos a serem adoptados ao longo das aulas.

No Estágio, deparei-me com a necessidade de adquirir maiores conhecimentos teórico-práticos para melhor compreender a realidade escolar, os sistemas de ensino e as políticas públicas para a educação, que ocorreram através da aproximação com a realidade.

O professor ao construir, a sua reflexão de conhecimentos pedagógicos, vê o seu trabalho pedagógico a mobilizar diversos saberes.

Com o desenrolar do Estágio Pedagógico, a aproximação com a realidade profissional começa a ter moldes ou efeitos que contribuirão de forma significativa para uma abordagem nos primeiros anos no mundo do trabalho.

Penso que os aspectos mais importantes que se adquirem no Estágio são: as atitudes, a postura como ser professor, como lidar com determinadas situações, como criar essa responsabilidade de ter uma turma nas suas mãos, como se relacionar enquanto professor com os alunos, experiência, entender a realidade da Educação Física, ter persistência, maior interacção e afectividade com a turma, deixar os objectivos da aula bem claros aos alunos, capacidade de entender alguns comportamentos, maturidade, a escolha adequada dos conteúdos programáticos para os alunos, considerar a realidade e interesses dos alunos na elaboração do plano de aula e de acordo com as características da turma. A importância do planeamento e a tomada de consciência dos elementos que permitam um ambiente na aula sublime, e que foram vivenciadas e experienciadas nos momentos de ensino, vieram a transformar-se em conhecimentos relevantes na minha actuação.

O processo de formação docente é contínuo, permanente, ou seja, existe um desafio de aprender ao longo da vida, pois aprender “é um processo activo, criativo e selectivo de apropriação dos elementos da cultura a que o ser humano tem acesso” (Arroyo, 2004, p. 219).

Após a realização deste Estágio na Escola Infanta D. Maria, que teve características muito próprias, em que vivenciei e percebi a importância para a minha formação enquanto estagiário tendo mobilizado diferentes saberes, pude adquirir a

inter-relação entre ensino e aprendizagem, tanto com os meus alunos como consigo próprios. Penso estar preparado para actuar numa escola, com toda a certeza, pois já vivenciei um estágio muito parecido com este na minha licenciatura, apenas com a diferença de Ciclo que leccionei, tendo quatro anos de experiência a leccionar numa escola e posso afirmar que ainda neste segundo estágio pedagógico, tenho aprendido cada vez mais a lidar com as adversidades do meio escolar, obtive bastante experiência ao nível de ensino e de inter-relação com os alunos e encarregados de educação, e sobretudo com a realidade escolar.

Não há competência sem conhecimentos, por isso o início do desenvolvimento da competência pedagógica situa-se na aquisição de conhecimentos, uma aquisição que deve ser exacta e rigorosa de conhecimentos teóricos (Ecke, 1981).

Ainda segundo Ecke (1981), os conhecimentos relativos à disciplina que leccionei são conhecimentos específicos, que permitem decidir correctamente em relação à matéria de ensino. Não havendo conhecimento da matéria da disciplina, os conhecimentos estritamente pedagógicos não se justificam.

Durante o Mestrado, o estágio pedagógico foi sem dúvida a fase da qual eu adquiri diferentes conhecimentos através da reflexão crítica e a aplicação criteriosa de saberes numa perspectiva de formação profissional do meu futuro.

## **5. Avaliação de processos e produtos**

A avaliação está intimamente ligada ao desenvolvimento da escola pública, e é hoje entendida como um processo de decisão compreensiva (Weiss, 1996), orientada para a intervenção reguladora. Ao contrário do que muitas vezes se pretende fazer crer, que a avaliação é uma técnica neutra, reveladora da verdade – a avaliação é um “objecto” cultural (Pinto, 2002). Não há uma avaliação, mas avaliações.

Segundo Cardinet (1983), são três as funções da avaliação: a regulação dos processos de ensino/aprendizagem, a certificação, e a selecção/orientação.

A avaliação formativa intervém directamente no decorrer do processo, a de recapitulação no final do processo, e pretende corrigir se necessário o decorrer do mesmo.

A avaliação constitui um eixo que nos indica que o processo estruturante dos diversos funcionamentos pedagógicos pode englobar-se em três: **Ensinar** – privilegia o eixo professor/saber e dá ao aluno o lugar passivo; **Formar** – que privilegia o eixo professor/aluno e torna o saber passivo; **Aprender** – que privilegia o eixo aluno/saber e torna o professor passivo.

Para que eu avaliasse os meus alunos nas várias matérias abordadas ao longo do ano, tive que fazer vários ajustamentos tanto a nível do Currículo, como na minha intervenção pedagógica. As condições de trabalho em que me deparei na Escola Infanta D. Maria foram, seguramente um dos factores que mais contribuiu para o ajustamento da minha aula, pois a dificuldade mais sentida por todos os profissionais de Educação Física foi em relação ao espaço físico.

O Pavilhão da escola, é um espaço pequeno, com limitações no comprimento e largura, onde se pode abordar apenas as Matérias de Ginástica e Voleibol, devido a este factor, eu e os meus colegas estagiários planificámos de forma a leccionar apenas a ginástica no Pavilhão da escola. Por conseguinte, efectuámos a nossa planificação das restantes matérias aquando da rotação dos restantes espaços.

A constante adaptação a essas condições diferenciadas de trabalho, através de uma gestão local dos programas, permitindo-me encontrar as soluções mais adequadas e adaptadas a esta realidade. Já no 3º Período, com a construção de um novo espaço para a Actividade Física, foi mais fácil o enquadramento das matérias a leccionar.

Igualmente fundamental e decisivo para o processo de avaliação de cada aluno é o facto dos Programas Nacionais de Educação Física assentarem numa proposta em que um dos seus pilares fundamentais é exactamente a possibilidade **de adaptação às situações concretas**, quer humanas quer materiais, das diferentes escolas.

Relativamente ao currículo, ao longo dos últimos anos tem vindo lentamente a ser destacado uma melhoria gradual das condições disponibilizadas a alunos e professores. Abre-se, portanto, cada vez mais o caminho que permite equacionar com maior confiança as questões directamente relacionadas com a avaliação dos alunos e com a definição do que se considera um aluno com sucesso na disciplina de Educação Física.

A grande diversidade de condições das escolas, e diferentes capacidades dos alunos e a própria filosofia do programa, têm de estar todos em sintonia no processo



ensino - aprendizagem para que seja desejável, que todos os alunos tenham o sucesso que pretendemos.

Mesmo perante a dificuldade e a complexidade da disciplina de Educação Física, devido ao conjunto diversificado de matérias, agrupadas em várias áreas e sub-áreas, os alunos conseguiram atingir os domínios das competências específicas das matérias da qual me propus no início do ano lectivo, e demonstraram um nível considerado aceitável e revelador de sucesso na disciplina.

No entanto, as matérias nucleares leccionadas por mim foram de certa forma as que se aproximaram o mais possível das que estão previstas no programa nacional, tentando que fosse possível que nenhuma das áreas da Educação Física fosse excluída.

Independentemente das circunstâncias proporcionadas pelas condições locais de trabalho da qual não foram as melhores, fiz um esforço para que as matérias fossem leccionadas sem prejudicar os alunos em detrimento das orientações curriculares,

Igualmente importante foi assegurar o princípio de ajustamento do programa ao estágio de desenvolvimento dos alunos, o que equivale a dizer que as normas que apresentei foi com a intenção de proporcionar o equilíbrio e potenciar os pontos fortes dos alunos.

Naturalmente que tive o cuidado que os alunos em qualquer circunstância não fossem prejudicados, pela escola e pelo currículo não adequado à realidade. Neste processo, antes de mais, tive em consideração os critérios e parâmetros gerais de avaliação definidos pela escola e pelo Ministério da Educação. Com base nestas decisões que tomei, os procedimentos para uma correcta determinação do nível de cada aluno em cada uma das matérias, foi a atribuição para cada aluno, de uma classificação quantitativa no final de cada Período.

Ao avaliar todos os alunos em todas as matérias que integram o currículo, é necessário procurar atingir a sua principal finalidade durante este processo, ou seja, a harmonia, o bem-estar e o incentivo pela prática desportiva.

## **6. Reflexão**

### **6.1 Aprendizagens realizadas**

As aprendizagens realizadas nas aulas de Educação Física, visavam a que todos os alunos tivessem o máximo tempo de actividade motora significativa e especificamente orientada para o alcance das competências específicas. Dadas as características próprias da disciplina de Educação Física e das suas aprendizagens, um conjunto de aspectos essenciais que tive em consideração na elaboração das situações de aprendizagem foi: a constituição dos grupos na turma que promoveu a inter-acção entre os alunos de forma a potencializar as competências deles na realização dos objectivos estabelecidos e a diferenciação de objectivos.

As situações de aprendizagem nas aulas de Educação Física foram inúmeras e variadas, e foram bastante diversificadas consoante o tipo de actividade apresentada pelo estagiário aos alunos.

De seguida vou enumerar situações fundamentais na organização do processo ensino-aprendizagem para uma aprendizagem eficaz e coerente:

- o exercício individual - aperfeiçoou as acções técnicas e táticas individuais;
- os exercícios em grupo para que existisse um propósito de entreajuda e cooperação entre os colegas da turma;
- as sequências de habilidades e coreografias, expressas em algumas matérias como a ginástica e dança, que produziram uma harmonia e fluidez de movimentos nos alunos;
- as situações de jogo, típicas da aprendizagem nos desportos colectivos, onde os alunos tiveram que ter a capacidade intelectual para adequar as acções técnicas nas acções táticas;
- situações de jogo simplificado, que visou o aumento da participação dos alunos na actividade e a simplicidade do jogo;
- situações de exploração de movimento, que combinaram com movimentos locomotores e não locomotores em que o aspecto expressivo foi fundamental.

Assim, desenvolvidas estas aprendizagens durante as aulas, foi preponderante que avaliasse essas aprendizagens relativamente ao seu espaço/tempo/forma, relevantes do ponto de vista reflexivo e criador no processo de formação escolar.

As actividades específicas desenvolvidas foram pertinentes/adequadas e, sobretudo, significativas para desafiar os alunos a mostrarem as suas aprendizagens construídas e, para além disso, avançarem no processo de construção do conhecimento (Hadji, 2001).

Ao desenvolver as várias actividades realizadas nas aulas, tive a preocupação com a capacidade de formar alunos capazes de controlarem, analisarem e tomarem decisões sobre o próprio processo de aprendizagem, como:

- capacidade de compreensão crítica;
- criação autónoma;
- desenvolvimento do senso comum;
- expressão corporal;
- articulação de ideias;
- relacionamento inter-pessoal;
- apreciação artística;
- espírito de colectividade.

Para que privilegiasse tanto o processo de produção de sentidos (aprendizagem significativa) da experiência de conhecer, ao desenvolverem a capacidade de o sujeito situar-se activamente no mundo, como a sua auto-responsabilização para a sua formação, isto é, o chamado exercício de metacognição (Darsie, 1995; Perrenoud, 1998, cit. in Hadji, 2001), ou seja, a capacidade de **explicitar** formas e especificidades de esquemas de pensamento, de **analisar** as suas possibilidades, dificuldades, de aprender/pensar em relação a contextos, professores e saberes diferentes e de **conceptualizar** algumas propriedades mais gerais que caracterizam as suas formas de aprender, independentemente dos contextos e diferentes saberes.

## **6.2 Compromisso com as aprendizagens realizadas dos alunos**

O compromisso a que me propus para com os meus alunos foi essencial e fundamental no seu desenvolvimento social, cultural e desportivo, e tive um profissionalismo baseado na literatura, onde houve uma preocupação com a formação de novos cidadãos, promovendo a saúde, e conseguindo marcar positivamente a vida dos meus alunos.

Julgo que não tive falta de compromisso para com os meus alunos, visto que eles estiveram sempre empenhados durante as aulas, motivados, faltando poucas vezes mostrando sempre grande interesse e participação nas actividades desenvolvidas.

Como professor, fui melhorando durante as aulas de Educação Física mantendo ou tentando manter a motivação da maioria dos meus alunos, com conteúdos diferentes e diversificados.

Por outro lado, também destaco que a sociedade e a escola exercem um papel importante na qualidade das aulas ao proporcionar maior ou menor suporte à prática docente com consequência nas condições de trabalho. Desta maneira, as actividades desportivas, recreativas e rítmicas poderiam ter sido consideradas como meios mais eficazes para promover a socialização dos alunos, uma vez que normalmente são realizadas em grupos, dos quais obedecem ao princípio da cooperação entre os seus componentes, estimulando-os no seu comportamento social, domínio de si mesmo, auto-controlo e respeito pelo próximo. Consiste-me a mim e aos professores estimular a actividade criativa do aluno.

A minha responsabilidade foi preparar os meus alunos para se tornarem cidadãos activos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classes, na vida cultural e política. Penso que a característica mais importante da actividade de um professor é a mediação entre aluno e a sociedade. Tentei empenhar-me na instrução e educação dos meus alunos, dirigindo o ensino e as actividades de modo a que estes dominassem os conhecimentos básicos e as habilidades e que desenvolvessem as capacidades intelectuais e físicas, tendo em vista o fornecimento de conteúdos para enfrentar os desafios da vida.

Para ter um compromisso para com os meus alunos, foi-me necessário, alguma competência e abertura para valorizar o aspecto pedagógico, que envolveu: compreender e colocar em prática um processo de aprendizagem; vivenciar com os alunos uma relação de parceria e co-responsabilidade no processo de aprendizagem; perceber a integração da disciplina com a organização curricular do curso e com as directrizes curriculares vigentes; dominar e usar adequadamente os recursos da tecnologia educacional; experimentar novas propostas para o processo de avaliação, e fazer um planeamento de curso como instrumento de acção educativa.

Ter competência na área de Educação Física, significa criar oportunidades para que os alunos consigam relacionar o aprendido nas aulas com as situações reais da sociedade em que vivemos.

### **6.3 Importância do trabalho individual e de grupo**

Os alunos usam a interação social como forma de privilegiar o acesso às informações: aprendem as regras do jogo através dos outros e não como o resultado individual na solução de problemas. Desta maneira aprendem a regular o seu comportamento pelas reacções.

Vou começar pelo trabalho de grupo que foi um método eficaz para motivar os alunos, encorajá-los para a aprendizagem activa e desenvolver capacidades críticas, comunicativas e de decisão.

Antes de planear as actividades em grupos, tive o cuidado de fazer uma observação cuidada de cada aluno para os colocar por níveis de ensino. Estabeleci em primeiro lugar os objectivos específicos e o que queria alcançar através das actividades para esses grupos.

Todas as actividades a que me propôs fazer por grupos, estavam relacionadas com os objectivos e conteúdos da disciplina e devidamente planificada de modo a ajudar os alunos a aprender e não simplesmente a ocupar o tempo.

Antes de trabalhar em grupos por níveis, tive o cuidado de perguntar: “Qual o objectivo da actividade?”; “Como é que esse objectivo vai ser alcançado pedindo aos alunos para trabalharem em grupo?”; “A actividade é suficientemente difícil e complexa para requerer trabalho de grupo?”; “A matéria requer mesmo colaboração?”; “Existe alguma razão pela qual o trabalho não deva ser elaborado em colaboração?”.

Transformar a tarefa num desafio. Ponderei atribuir uma tarefa relativamente fácil no início do semestre para estimular o interesse dos alunos perante o trabalho de grupo e encorajar o seu progresso. Na maioria dos casos, as tarefas realizadas em colaboração são estimulantes e representam um desafio para os alunos.

As tarefas que eu atribuí aos grupos tinham essencialmente o factor de encorajamento e envolvimento, para que se sentissem pessoalmente responsáveis pelo sucesso dos colegas e compreendessem que o seu sucesso individual dependia do sucesso do grupo. Distribuí ainda recursos materiais pelos grupos de modo a que os

membros do grupo tivessem que partilhar esse material e informação acerca dele para chegar a um consenso.

O facto dos membros do grupo saberem que os colegas dependem deles é uma forte motivação para que o trabalho de grupo corra como desejamos.

Outras estratégias que promovi para a interdependência, foi especificar as recompensas atribuídas ao grupo, com uma classificação para cada grupo. A escolha da dimensão dos vários grupos dependia sempre do espaço físico que tinha para abordar a matéria e o número de alunos por aula para equilibrar as necessidades de diversidade, produtividade e coesão.

Quanto menores forem as capacidades dos membros do grupo, mais pequeno deve ser o grupo (Gross, 1993).

Agora falando do trabalho individual dos meus alunos durante o ano, penso terem alcançado os meus objectivos específicos para cada um deles nas diferentes matérias abordadas. O trabalho individualizado que implementei em algumas aulas foi por vezes menos motivante em determinadas matérias para os alunos, mas consequentemente obrigatória, pois cada aluno foi avaliado individualmente.

O trabalho individual que tentei desenvolver na minha turma, foi sem dúvida situações simples de aprendizagem ou aperfeiçoamento das acções técnicas e táticas das várias matérias dos programas.

Foi o caso das situações de exercícios nos Jogos Desportivos Colectivos, em que, por exemplo, a aprendizagem e o aperfeiçoamento da finalização deve ser associada à recepção, passe ou progressão ou a recepção associada ao serviço (no voleibol). Mesmo na Ginástica, é fundamental que a aprendizagem de cada habilidade seja associada a outra, de forma a garantir o seu encadeamento e facilitar a aprendizagem e demonstração de competências no contexto da sequência gímnica ou da coreografia. O exercício individual de cada aluno julgo que assumiu várias formas organizativas, dos percursos e circuitos na Ginástica ou no treino das capacidades motoras, sendo por esse aspecto uma situação facilitadora da diferenciação do ensino.

Para finalizar, o professor para além de dominar os conteúdos que lecciona, deverá ainda promover e ser um facilitador da aprendizagem, ser um pedagogo eficaz atento a todos os alunos, quer colectivamente, quer individualmente, ser um organizador do trabalho da turma e diferenciar os métodos em função da diversidade e heterogeneidade dos seus alunos.

#### 6.4 Capacidade de iniciativa e responsabilidade

Todo o professor tem como base na especificidade da estrutura da actividade pedagógica, a capacidade intelectual e social para a responsabilidade e iniciativa.

Para além disto, deverá atender também a estabilidade e ao equilíbrio emocional e afectivo de todos alunos, deverá ter em conta os aspectos de carácter social e socializante da turma. Dada a heterogeneidade dos alunos não é mais possível “ensinar a todos como se fossem um só” e é necessário “passar da lógica da uniformização à lógica da individualização; passar de uma lógica disciplinar, para uma lógica transdisciplinar; passar da rotina da lição, para a inquietude do projecto” (Barroso, 1999, p. 141).

As problemáticas relacionadas com o ensino/educação/formação tendem a agravar-se. É consensual que esta situação tem que ser ultrapassada, de modo a levar os professores a repensarem o seu próprio papel. O facto de reflectirem e conhecerem melhor os problemas, leva-os a encontrar soluções. Esta reflexão não deverá ser isolada, mas deverá ser feita em conjunto com outros professores.

Na minha turma tive:

- **capacidade didáctica**, ou seja, escolhi e estruturei a matéria de ensino, tendo a capacidade de transmitir eficazmente a matéria e organizá-la de acordo com os alunos para uma actividade autónoma;
- **capacidade construtiva**, ou seja, a capacidade de previsão, antecipação e planeamento que contribuiu para o sucesso da projecção e da construção da personalidade dos alunos. Assim, consigo antever os resultados da actividade dos alunos e antever o seu comportamento;
- **capacidade organizativa**, ou seja, a capacidade de organizar actividades para os meus alunos, dentro e fora da escola (actividade de aperfeiçoamento como o *Ski* na Serra da Estrela), (torneio de voleibol),etc.;
- **capacidade comunicativa**, ou seja, a estruturação de relações sociais, para estabelecer um elo de ligação entre mim e os alunos. Esta capacidade de comunicação entre mim e os alunos manifestou-se particularmente pela minha experiência no ensino evitando conflitos entre o professor e os alunos;
- **capacidades expressivas**, ou seja, a apresentação óptima das minhas ideias aos alunos dos conhecimentos que tenho com a ajuda da linguagem verbal e não verbal;

- **capacidade perceptiva**, ou seja, a capacidade de observação pedagógica, que me ajudaram a perceber e a entender melhor os alunos no seu movimento e estado psicológico. Permitiu-me conhecer as qualidades positivas de cada aluno e utilizá-las no processo educativo;
- **capacidade cultural**, ou seja, a capacidade que me permitiu utilizar a actividade pedagógica e a minha formação.

A minha responsabilidade, perante a turma, vai de encontro à minha competência pedagógica, que visa, determinar a matéria essencial a transmitir, entender os alunos e prever as suas dificuldades e reagir de modo correcto, escolher e seriar as tarefas ajustadas à realização do objectivo, estruturar a matéria de ensino e analisar os resultados da actividade dos alunos e averiguar as causas de erro.

### **6.5 Dificuldades sentidas e formas de resolução**

As principais dificuldades sentidas no estágio foram motivadas pela falta de espaços físicos na Escola Infanta D. Maria, devido às obras realizadas este ano lectivo, do qual levou, à leccionação da disciplina de Educação Física, em outros pavilhões, onde eu teria que transportar o material da Escola para esses espaços. Foi uma luta constante de espaços físicos, pois o Pavilhão Multiusos da Câmara Municipal de Coimbra por vezes também estava ocupado com eventos, o que levava a ter que improvisar constantemente a minha aula.

Foi completamente impossível contrariar este factor durante o primeiro e segundo períodos, tendo apenas no início do 3º período já as novas infra-estruturas da Escola realizadas.

Pelo factor que mencionei atrás, foi-me completamente impossível planificar mais Unidades Didácticas no ano lectivo, pela escassez de material disponível.

Ao nível da planificação, não tive muitos problemas adjacentes, pois a minha experiência já de alguns anos a leccionar, deu-me um grande à vontade para o fazer cumprir.

### **6.6 Inovação das Práticas Pedagógicas**

O desenvolvimento do currículo é uma tarefa dos professores, e é um processo contínuo e dinâmico entre teoria e prática (Peralta & Costa, 2002). Para haver um bom



desenvolvimento do currículo, na minha opinião, é necessário um bom nível de ensino que passa obrigatoriamente pelo Professor.

Na construção de um Projecto Curricular, temos de passar por vários níveis: alterações ao nível do sistema educativo; alterações na dinâmica da escola; e alterações no trabalho do professor, isto traduz num desenvolvimento das competências dos alunos e dos próprios Professores, porque cabe hoje à escola encontrar num trabalho de equipa dos professores o modo mais adequado para a elaboração do Projecto Curricular.

Mas antes de construirmos um projecto curricular, temos de ter a concepção de projecto curricular como sendo aquele que traduz um modelo de escola de selecção, valorização, avaliação, de codificação e de comunicação. Roldão (1999), diz que a escola transforma o currículo em Projecto Curricular, o que a meu ver é verdade porque é a escola que tem um papel de intervenção no processo ensino-aprendizagem e a coloca em prática.

No contexto do sistema educativo português, os currículos são definidos a nível nacional, com relativamente escassa margem de flexibilidade. São os currículos uniformes de que fala Formosinho (1987, cit in Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento curricular, 2008), ou o currículo standard a que se refere também Zabalza (1992). Dessa proposta curricular, consubstanciada nos programas oficiais e respectivas recomendações metodológicas, ao currículo experienciado - e desejavelmente assumido como um projecto de cada escola - perfilam-se diversos actores que intervêm na sua gestão:

- os órgãos de gestão da escola que assumem a execução do respectivo projecto educativo que necessariamente integra as dimensões curriculares (nível macro);
- os órgãos intermédios no sistema de gestão, nomeadamente delegados (ou chefes de departamento, no novo modelo de gestão) que estruturam em cada grupo disciplinar a gestão curricular da respectiva área, e os directores de turma que asseguram a articulação entre os docentes duma turma, os alunos e os encarregados de educação, incorporando também necessariamente dimensões de gestão do currículo (nível meso);
- os professores de cada turma e de cada área disciplinar a quem cabe a gestão directa do currículo no terreno, em articulação com as instâncias anteriormente referidas (nível micro).

- O currículo que é finalmente vivido ou experienciado pelos alunos vem a ser o resultado da gestão curricular que tiver sido operacionalizada a estes diferentes níveis. O papel dos professores é determinante para conseguir mudar a escola, e por consequência os processos de ensino-aprendizagem que daí decorrem, fazem dela um espaço de decisão curricular. Além disso, não podemos deixar de sublinhar que, na linha do que nos é proposto por Morgado (2005, p. 73, cit in Machado, 2006) tais mudanças não podem, por um lado, esquecer o “papel específico que está consignado aos professores em termos educativos”, e, por outro, que tal papel de encontro umbilicalmente associado a “um conjunto de capacidades e de destrezas” que devem possuir para poderem exercer com eficácia as tarefas que lhes estão consignadas socialmente. O mesmo autor (*Ibidem*) sublinha que os professores “constituem a principal força propulsora da mudança educativa e do aperfeiçoamento da escola”, uma vez que deles depende, em grande parte, as formas como se idealizam e concretizam os processos educativos.

A educação não deve ser apenas compreendida e centrada na escola, sala de aula, mas uma educação concebida como aprendizagem constante que investe na aquisição de novos conhecimentos, novas estratégias de forma contínua.

As novas práticas pedagógicas estão directamente relacionadas na prática dinâmica do professor, articulando perspectivas contínuas do desenvolvimento sistémico. Assim o jogo de interações pedagógicas pode levar a novas condições de conhecimento. Neste caso a apresentação de estratégias proporcionará ao aluno um melhor rendimento do trabalho e da aprendizagem.

Desta forma os conteúdos e as atividades, podem contribuir juntamente com os pressupostos didácticos para que haja um processo mais facilitador com as experiências do professor e o conhecimento do aluno.

As diversidades de inovações promulgam o perfil metodológico. Para Piaget isto desenvolve-se pela teoria cognitiva e considerando que esta se opera pela substituição de um conceito para outro, esse perfil aprimorado objectiva a actuação do professor de forma distinta. Existe uma teoria sobre a produção do conhecimento, onde só se aprende estimulado por uma necessidade real, e que, ocorre por meio de interações sucessivas como objecto de conhecimento.

As teorias da educação habilitam possibilidades de reconstruir o conhecimento pedagógico ordenadas pela fundamentação epistemológica, devido à complexidade da falta de estatutos teóricos mais adaptados às novas situações de prática pedagógica actual. Estas devem conduzir a aprendizagem do aluno às inovações das práticas educativas como criatividade, auto-gestão, investigação, acção, de modo a que a formação se transforme numa estrutura social baseada na educação futura de novas teorias, pois as mudanças estão sempre a ocorrer.

Os fenómenos educativos com as inovações desenvolvem estratégias e atitudes de investigação pedagógica e autênticas novas formas de aprender baseando-se em cooperação e criatividade.

A função do professor possui assim um perfil de grande importância no âmbito social, para além de construir um marco teórico de uma prática a partir do conhecimento sobre as relações existentes sobre teoria e prática educativa e as reflexões sobre a realidade educativa actual, podendo assim, constatar as informações e opiniões através do método de investigação.

As novas práticas educativas apresentam uma vertente, que permite apresentar os processos evolutivos estimuladores. A metodologia logística preparada ao aluno para compreender e analisar o poder reflexivo, privilegia tanto a formação como a metodologia do professor. E ainda essa dicotomia abrange a promoção de qualidade dos estudos metodológicos que operam mediante o conhecimento de produção e noções de aprendizagem transdisciplinar numa atitude bastante comum na prática do professor.

A formação continua é mais uma inovação metodológica que abrange o conhecimento e ajuda a educação. Muitas vezes a prática pedagógica tende a fechar-se no senso comum, representado no saber quotidiano em boa parte guiado pelo bom senso.

Portanto, o processo de formação continua e deverá, sem dúvida, orientar-se no momento da acção-reflexão-acção. A teoria precisa da prática para ser real e a prática precisa da teoria para continuar inovada.

Para isso deve-se questionar o próprio conhecimento, criar situações problematizadoras que induzam o professor a dialogar com a realidade num processo sistemático, crítico e criativo, provocando assim, uma intervenção inovadora ideológica.

## **6.7. Impacto do Estágio na realidade do contexto escolar**

O Estágio Pedagógico, no contexto da Escola Secundária Infanta D. Maria, não tem um impacto muito significativo, visto já existir à varios anos este protocolo entre a escola e a FCDEF-UC. Igualmente para os alunos desta escola, é com grande normalidade que encaram todos os estagiários, respeitando-os e contribuindo para uma harmonia entre os estagiários e os alunos da escola.

Aos restantes professores da escola, também foi com naturalidade e com grande satisfação que nos receberam, bem como os restantes funcionários da escola, que têm um grande carinho e admiração pelos estagiários.

## **6.8 Questões dilemáticas**

Para Caetano (1997) os dilemas são vivências subjectivas, conflitos interiores e práticos ocorridos em contextos profissionais. A actuação do professor constitui um campo de conflitos, onde cada profissional se confronta diariamente com diversas situações problemas: alunos, comunidade escolar, organização escolar, sistema educativo. Os professores confrontam-se frequentemente com situações com elementos de incerteza ética ou moral. Deste modo, precisam de ser capazes de reconhecer este tipo de situações e ter consciência das implicações éticas inerentes às decisões tomadas. Estas decisões devem ser coerentes e lógicas, baseadas em princípios éticos.

Para Lampert (1984), o dilema sugere a ideia de um conflito simultaneamente cognitivo e prático. Define os dilemas como “estruturas ambivalentes (...) que o professor tem de enfrentar no próprio decorrer da aula”, e refere que as decisões tomadas pelo professor com vista à resolução dos dilemas são indicadores que a situação concreta lhe proporciona, ou seja, as ideias que o professor possui acerca dos objectivos que definiu e as ideias do que acredita ser possível fazer nessas situações, bem como o conhecimento que tem dos seus alunos: "O professor, em cada caso, inventa diversas estratégias que o colocam em posição de evitar a contradição entre os seus objectivos enquanto desenvolve a sua actividade, de maneira que se mantenha um ganho produtivo nas suas relações com os alunos".

Na maior parte das vezes, não há respostas simples, decisões certas ou erradas. Assim, torna-se fundamental tentar pensar com clareza nas implicações das nossas decisões e actos.

Num dilema ético, surgem questões em que há evidência de que certa acção é moralmente certa e a evidência de que a mesma acção é moralmente errada, porém, nenhuma evidência é conclusiva. Depreende-se, então, que analisar os conflitos existentes, tanto a nível de valores, como a nível de direitos/deveres, é importante para identificar e clarificar o problema.

Os alunos têm o direito de ser ouvidos em matéria de leccionação e de ter acesso constante à informação e educação, instrumentos indispensáveis ao pleno exercício dos seus direitos.

Para Zabalza (1992), o termo “dilema” pode referir-se a todo o conjunto de situações invulgares, que se apresentam ao professor no desenrolar da sua actividade profissional. O reconhecimento dos dilemas e a sua resolução podem apresentar-se como processos nem sempre conscientes para o professor. Os processos de antevisão, de identificação e de resolução dos dilemas que se colocam ao professor está dependente da sua sensibilidade.

A iniciação da carreira de um professor, normalmente é difícil e conflituosa. O impacto sofrido pelo professor é denominado por Muller-Folbrodt (cit. in Silva, 1997) como “choque com a realidade”. Esse choque é decorrente das frustrações, desilusões e de insegurança e grandes mudanças em suas vidas. Muitos ficam desmotivados, angustiados, com baixa auto-estima, decepcionados e alguns casos até abandonam a profissão.

No meu caso particular, não me deparei com este choque de frustrações ou desilusões, até pelo contrário, quando entrei para este estágio, procedente já de alguns anos de ensino deparei-me com uma felicidade extrema por ter conseguido concretizar o sonho de ser professor de Educação Física.

Contudo, todos os professores se deparam no seu dia-a-dia com as seguintes questões:

- Como planear?
- Como introduzir as tarefas mais complexas nas aulas?
- Que tipo de orientação dar aos alunos?
- Como gerir o tempo para as diferentes tarefas?

O Programa de Educação Física tem uma falta de adequação de certos conteúdos programáticos às necessidades dos alunos, onde existe certas coisas que não os motivam, que lhes dizem muito pouco.

## **6.9 Conclusões referentes à formação inicial**

A formação inicial que tive no primeiro ano de Mestrado assumiu particular importância sobre os conhecimentos que reforçam a orientação do Ensino da Educação Física, para atingir os objectivos pretendidos, onde esta se insere na Lei de Bases do Sistema Educativo e os seus sistemas de Avaliação. Também me foi abordado os diferentes modelos de intervenção pedagógica, para analisar, estudar e entender o ensino, bem como entender o processo ensino-aprendizagem como a interacção professor – aluno e as estratégias a utilizar.

Toda esta informação, levou-me a considerar que o ensino é um processo de comunicação que procura compreender e destacar a importância da aprendizagem quer nos factores relacionais (atitude, linguagem com os alunos), quer nos factores organizacionais (técnica de ensino, métodos).

Concluí, que o domínio e o nível de intervenção do Professor de Educação Física deverá considerar três fases perfeitamente articuladas na organização da aprendizagem, garantindo a síntese e integração dos diversos elementos, (planeamento, orientação e avaliação), para obter uma visão ampla do processo ensino-aprendizagem, assegurando a sua coerência e continuidade.

A qualidade e a eficácia do ensino têm ligação a inúmeras variáveis, quer estruturais, como a origem social dos alunos, as condições das escolas, a competência dos professores, a natureza dos currículos, quer situacionais, como as condições de acesso ao saber (Scheerens, 1990).

Todas as disciplinas que tive no primeiro e segundo semestre, vão de encontro ao processo ensino-aprendizagem, do qual, adquiri muita informação pertinente no âmbito da disciplina, escola, alunos, currículo, etc., que apliquei no terceiro e quarto semestre do estágio pedagógico para um melhor desempenho como professor.

## **6.10 Necessidades de Formação Contínua**

Cada vez mais, eu tenho a necessidade de recorrer à formação contínua com uma perspectiva profissional, cultural e social. As evoluções do nosso sistema educativo e as exigências sociais das quais nos deparamos hoje em dia são mais do que razões para o professor fazer formação para o ensino.

Qualquer instituição educativa organiza actividades para um investimento das competências profissionais dos professores e melhoria no ensino.

Sinto necessidade, a cada ano que passa, de obter uma formação contínua, para entrar na aula e não actuar de forma repetitiva, copiadora e reprodutora de conceitos e opiniões adquiridos já de alguns anos. A minha formação inicial, leva-me a este tipo de atitude, ou seja, o querer superar a continuidade da minha formação, para ser um melhor professor no futuro.

A formação continua de professores, são hoje, uma realidade, pois o professor não deve rejeitar de estudar. Este deve estar consciente da necessidade permanente da sua formação, ter o prazer pelo estudo e leitura para fazer parte do processo, pois segundo Snayders (*apud* Neves, 2006) o professor que não aprende com prazer não ensinará com prazer.

No meu ponto de vista, a formação contínua de professores dá ênfase à experiência e à reflexão como instrumentos contínuos de análise.

Para Nóvoa (*apud* Neves, 2006) "o aprender contínuo é essencial e concentra-se em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente".

Senti, por vezes em algumas matérias leccionadas durante o ano, um certo receio e medo, por não dominar completamente o que leccionava, e daí concluo que o professor tem de ser um formando em completa actualização de saberes.

De acordo com o projecto de regulamentação apresentado pelo Ministério da Educação, os docentes passarão a ter um regime de dispensas muito restritivo, sendo reduzidos de 8 para 5 os dias destinados à formação que, ainda por cima, só poderão ser utilizados durante os períodos de interrupção de actividades lectivas.

Se tivermos em conta que os professores são obrigados a frequentar, com aproveitamento, acções de formação contínua para poderem ser avaliados positivamente e, assim, progredirem na sua carreira; se tivermos em conta que os professores, se forem classificados negativamente, designadamente por não terem frequentado as acções a que estão obrigados, serão excluídos da profissão, o projecto apresentado pelo Governo poderá pôr em causa a possibilidade de frequência das acções a que os docentes estão obrigados.

É claro que, de acordo com o Ministério da Educação, estas acções poderão ser sempre frequentadas em regime pós-laboral, mas, então, como se conjuga essa

possibilidade com o estabelecido no Estatuto da Carreira Docente que considera a frequência de acções de formação como fazendo parte da componente não lectiva dos docentes.

Isto reflecte o ensino a que os professores hoje em dia estão sujeitos, criando assim, uma regressão na formação contínua, provocando mais insegurança e instabilidade nas aulas, levando a um mau ensino das matérias.

### **6.11 Experiência pessoal e profissional do ano de estágio (prática pedagógica supervisionada)**

A minha experiência como estagiário neste ano lectivo, foi muito gratificante e acabou por ser mais uma experiência pessoal e profissional, tentando sempre aplicar na prática pedagógica os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Foram vários os conhecimentos que adquiri ao longo deste estágio, ao nível da Planificação, coordenação, realização de actividades curriculares e extra – curriculares, elaboração, execução, avaliação, etc.

Desta forma, no decorrer do meu estágio, foi possível tanto a nível pessoal e desenvolvimento profissional construir saberes e conhecimentos que fui adquirindo com experiências realizadas na minha turma que irão fundamentar as práticas e acções educativas das quais fazem parte a construção da minha pessoa.

No entendimento de Moita (1992) o processo de construção de uma identidade profissional própria não é estranho à função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo profissional e ao contexto sócio-político em que se desenrola.

Sendo este, o meu segundo estágio mas agora no âmbito do 3º Ciclo, e com a minha experiência a nível Profissional já com quatro anos de leccionação posso fazer uma comparação entre o estágio profissional e a realidade como professor, e deparo-me que o estágio é uma pequena parte do que o Professor irá encontrar nos seus primeiros anos de serviço. Muitas situações complexas, como por exemplo decisões de ajustamento, de planeamento, de atitudes de alunos inerentes à sua cultura e ao nível social, só são encontradas no desenrolar da carreira profissional.

Novas técnicas irão sendo administradas com a experiência profissional, das quais é necessário haver da nossa parte uma actualização permanente das práticas



pedagógicas, participando em cursos, palestras e seminários, voltadas para a construção permanente da identidade pessoal e profissional do professor. Também, existe, uma diferenciação do estagiário e da trajetória de desenvolvimento profissional de cada docente, pois as necessidades específicas de cada um são encontradas em momentos diferentes de actuação.

Eu estou completamente de acordo com Nóvoa, (1995), quando afirma que o processo de identidade dos professores seja eles estagiários, ou não, se sustenta nos três “A”:

- 1) A de Adesão, porque ser professor implica sempre a adesão a princípios e valores, a adopção de projectos colectivos;
- 2) A de Autonomia, de julgamentos e decisões, porque na escolha das melhores maneiras de agir, jogam-se decisões de origem profissional e pessoal;
- 3) A de Auto-consciência, porque em última análise tudo se decide na atitude reflexiva do professor sobre a sua própria acção.

Dessa forma, a soma desses três “A” articuladas com uma prática reflexiva do professor e estagiário, certamente irá contribuir em todo processo de construção e desenvolvimento profissional docente.

Também as minhas vivências como professor estagiário, marcaram-me e caracterizaram uma parte da minha trajetória pessoal e profissional, no âmbito da minha construção de história pessoal e profissional.

O Professor Orientador João Gandum, também foi para mim, uma pessoa que me ajudou muito em termos pedagógicos, pessoais, sociais e culturais, tendo perspectivas de ensino muito bem planeadas e delineadas, mesmo sendo este um processo complexo e de grande instabilidade profissional. Também os meus colegas de estágio, contribuíram para a minha formação pessoal e profissional ao longo deste estágio, tendo eles avaliado e criticado as minhas intervenções pedagógicas, para que no meu futuro próximo as melhore e me modifique para melhor no processo ensino-aprendizagem.

Durante as aulas, em que vivenciei com os meus alunos, tiveram sem dúvida um papel de extrema importância no processo da minha aquisição dos conteúdos

programados, pois sem eles não existiria o processo ensino-aprendizagem, nem existiria as problematizações, concepções e visões, que tomaram posse de mim para uma maior consciencialização a ter no futuro.

## BIBLIOGRAFIA

Arantes, A. (1997). *Competências básicas para ser um professor. Ministrando aulas de Educação física infantil em um curso profissionalizante*. Colégio Brasileiro de ciências do esporte. Renovações, modismos e interesses. X Congresso Brasileiro de ciências do esporte. Goiânia – Goiás. Anais – Vol. 1. 25 – 25 de Out. 1997. pp. 786-790.

Arroyo, M. (2004). *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Rio de Janeiro: Vozes.

Barroso, J. (1999). *A Escola entre o local e o global – perspectivas para o século XXI*. Lisboa: Educa.

Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.

Bloom, B., Hastings, I. & Madaus, G. (1971). *Handbook on the Formative and Summative Evaluation of Student Learning*. Nova Iorque: McGrawHill.

Cardinet, J. (1993). *Avaliar é medir?* Porto: Asa Editores.

Cardinet, J. (1983). *Dés instruments d' évaluation pour chaque fonction*. Neuchâtel: IRDP.

Caetano, A. (1997). *Dilemas dos professores. Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora.

Despacho Normativo nº1/2005, de 5 de Janeiro

Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento curricular. (2008). *Conceitos de referência: currículo e desenvolvimento curricular: currículo e projecto*. Retirado em 16 de Novembro 2008 em <http://www.dgidec.min-edu.pt/inovbasic/biblioteca/ccoge02/cap1.htm>

Ecke, P. (1981). *Untersuchungen zum Pädagogischen Können. Beiträge zur Pädagogik*. Volk und Wissen Volkseigener Verlag: Berlin.

Francisco, C. (2001). *Contributos da supervisão para o sucesso do desempenho do aluno no estágio*. Dissertação de Mestrado: FCDEF-UC.

Lima, M. (2006). *O perfil profissional do professor de Educação física e o treinamento técnico aliado à evolução humana nas diversas funções exercidas no ambiente de trabalho em academia*. Dissertação (pós – graduação) Universidade Veiga de Almeida.

Gross, D. (1993). *Tools for Teaching*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Galvão, Z. (2002). Educação física escolar. A prática do bom professor. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. pp. 65-71.

Hadji, C. (2001). *Avaliação Desmistificada*. Porto Alegre: Artmed.

Januário, C. (1984). Planejamento em Educação Física. A concepção de uma Unidade Didáctica. *Revista Horizonte*, Vol.1, nº 3, pp. 91-95.

Lunge, A. & Angulski, C. (2006). *O professor como investigador de sua prática: o estágio supervisionado como possibilidade*. Recuperada em 30 de Junho 2009 em <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/199.pdf>

Lampert, A. (1984). Teaching about thinking and thinking about teaching. *Journal of Curriculum Studies*. 16(1), pp. 1-18.

Machado, M. (2006). *O Papel do Professor na Construção do Currículo*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Universidade.

Massa, M. (2002). Caracterização académica e profissional da Educação Física. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. pp. 29-38.

Moita, M. da C. Percursos de formação e de transformação. In: Nóvoa, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

Neves, L. (2006). *O Professor, sua formação e sua prática*. Recuperada em 16 de Dezembro 2006 em [www.centrorefeducacional.com.br/profprat.htm](http://www.centrorefeducacional.com.br/profprat.htm)

Nóvoa, António. **Profissão professor**. Lisboa: Porto Editora, 1995.

Pacheco, J. (1995). *Formação de Professores. Teoria e Praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Universidade do Minho.

Peralta, H. & Costa, C. (2002). *Current perspectives on innovatory practices in primary education: synthesis report. Case studies. IPETCCO Consortium*. Retirado em 1.7.2006 do <http://www.fpce.ul.pt/pessoal/ulfpcost/ipetcco/index.htm>

Pinto, J. (2002). *A avaliação formal: uma construção social*. Tese de doutoramento. Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Universidade.

Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Rodrigues, A. & Peralta, H. (2008). *Algumas considerações a propósito da avaliação do desempenho dos professores*. Ministério da Educação: DGRHE.

Roldão, M. (1999). *Gestão curricular: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

Scheerens, J. (1990). *School effectiveness and the development or process of school functioning*. In *Effectiveness and school. Improvement*, 1 (1), pp. 70-86.

Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Montrain: Mayfield Publishing Company.

Silva, M. (1997). *O primeiro ano da docência. Viver e construir a profissão docente*. Porto: Porto Editora.

Shulman, L. (1986). Those who Understand: Knowledge growth in Teaching Educationel. *Researcher*. Vol.15, pp.4-21.

Weiss, J. (1996). Évaluer plutôt que noter. *Revue Internationale d'Éducation*. Vol.13.

Zabalza, M. (1992). *Do currículo ao projecto de escola. Inovação e projecto educativo de escola*. Lisboa: Educa.